

Regenerador Liberal

SEMAMARIO MONARCHICO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao

"Regenerador Liberal," - OVAR

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. de José Fructuoso da Fonseca & Filho

72, Rua da Peara, 74 - PORTO

Editor,
AMERICANO PEIXOTO PINTO LEITE.
Administrador,
MANUEL MARIA CORREIA VERMELHO.
Proprietario e director,
AMADEU PEIXOTO PINTO LEITE.

ASSIGNATURA
Em Ovar (anno) 1\$000 reis
Com estampilha (anno) 1\$200 »
Brasil e Colonias 1\$500 »

PUBLICAÇÕES
Cada linha, 60 reis. Repetições, 30.
ANNUNCIOS
Anuncios judiciaes ou administrativos,
gratis. Sello de cada annuncio 10 reis.
Redacção e Administração
Largo de S. Miguel—OVAR

Annuncios judiciaes ou administrativos, gratis.

REPUBLICA?

A medida que se annunciam e logo se promulgam, principalmente pela pasta da justiça, avalanches de decretos, dizendo respeito a todas as relações jurídicas, remodelando à la diable todo o nosso modo-de-ser social e revolucionando até, a mero arbitrio de um, ou quando muito de oito homens, as mais profundas bases da nossa moral tradicional—menos vamos entendendo o verdadeiro caracter d'este novo regimen, que de bom grado os seus fundadores intitulam de Republica, mas em cujo exercicio ainda ninguém logrou surprehender o quer que seja, que possa denunciar um systema republicano em acção.

No moderno conceito politico da palavra, Republica é um regimen essencialmente de soberania popular e, segundo os que n'ella querem crêr, destina-se a substituir a Nação a todas as mais ou menos disfarçadas oligarchias, para o effeito da fiscalisação e sobretudo da confecção das leis. E' o que emphaticamente se chama *governo do povo pelo povo*, cuja vontade se exprime ou directamente pelo *referendum*, ou de maneira indirecta por intermedio do Parlamento, o qual na Republica representa a maravilha a opinião nacional e na Monarchia não, como está inabalavelmente convencionado... entre os republicanos.

Uma dictadura pôde ser querida, accete ou tolerada pelo povo, ou por uma parte do povo, e d'isso ha exemplos na historia; mas é dictadura, não é Republica; é autocracia, não é democracia, e principalmente... não é sombra d'aquillo que os actuaes governantes prometteram ao paiz, estribados d'uns principios que lhes serviram para combater e derruir o antigo regimen.

O ideal seria que, derribadas as instituições monarchicas, extintos os ultimos tiros da revolução, os representantes da Republica tivessem desde logo podido entrar dentro do espirito do novo regimen e circumstanciar-se ás suas formulas, não editando uma providencia de caracter legislativo, que não trouxesse *expressamente* a sancção do voto popular. Isso é que era democratismo tanto quanto possivel puro, mas nós bem sabemos que o ideal, exactamente por ser ideal, não tem realidade, sobretudo na politica, que é eminentemente uma sciencia de circumstancias.

Compreende-se portanto, dentro dos devidos limites, a dictadura politica, como necessidade inherente á fundação de um novo regimen. O bom-senso, que é em toda a parte uma qualidade distinctiva dos conservadores, leva-nos a reconhecer que, mesmo como prefacio a um systema democratico, a momentanea concentração de poderes é indispensavel para que a nova ordem de coisas se firme e consolide.

Mas a dictadura administrativa, a dictadura em materia judiciaria e social, como podem pratical-a e defendel-a perante os seus concidadãos, uns homens que acabam de revolucionar o paiz, abolir uma Monarchia, instituir um novo regimen politico... em nome dos principios democraticos, em nome da soberania nacional, e com a mira na realisacção possivel do *governo do povo pelo povo*...

Qualquer que seja a opinião que se forme da utilidade intrinseca de leis como a do divorcio, a da liberdade de testar e analogas, o que ninguém por certo aventará é que a decretação dictatorial de taes medidas se torne necessaria ou mesmo apenas conveniente á segurança e consolidação do novo regimen; e por outro lado toda a gente imaginava, ou tinha ouvido dizer, que urgia implantar a Republica exactamente... para que a lei do divorcio, a da liberdade de testar, e em resumo todas as leis, não pudessem ser promulgadas senão pela democratica via de representacção nacional, genuinamente constituída e collaborando de modo effectivo na formação da Lei. Não sendo assim, não ha Republica.

Existem, por certo, mil e um argumentos para justificar o exercicio de uma larga, embora cuidadosa e ponderada, dictadura administrativa em Portugal. A cerrada ignorancia da maioria da população do paiz, a sua deficientissima educação civica, os nossos pessimos costumes parlamentares, conduzindo á mais desoladora esterilidade, tudo são razões com que se possa allegar que a obra reformadora ou se leva a effeito entre nós pela acção discrecional de um homem ou de um grupo de homens, ou não se executará senão demasiado tarde; mas são razões monarchicas. Quem pensa assim não faz Republicas, proclama o auctoritarismo, que é o inverso d'isso. De resto a nós, monarchicos, ninguém nos pediu jámais dictaduras reformadoras; pelo contrario, insurgiam-se contra ellas, e para que acabassem reclamavam a Republica.

Como se comprehende, o que nos conduz a estas reflexões não é apenas o amor aos principios, e muito menos aos principios republicanos, cuja guarda não está a nosso cargo. E' que effectivamente o que para ahí se está fazendo em materia de legislação, sob a responsabilidade politica de oito homens, mas de facto segundo o criterio de um só — o respectivo ministro — é uma perigosa e desconneca obra de desorganisação social, traçada sobre o joelho, com os olhos postos nas mais frivolas e infundamentadas reclamações de utopistas de botequim, a ninguém parecendo occorrer que não se vira de pernas ao ar uma sociedade sem mais nem menos, por méro sport legiferante ou por complacencia com os exaltados, senão á custa de gravissimas perturbações, de que toda a collectividade vem cedo ou tarde a soffrer.

Quando o governo regenerador-liberal entrou em dictadura — e mais não acabava de instituir-se em Portugal um regimen nominalmente democratico — nenhum dos seus decretos de dictadura administrativa foi promulgado, sem prévia e demorada consulta aos interessados, que assim collaboraram de facto em todas essas providencias. Nas vespas da revolução, Paiva Couceiro, n'uma entrevista que aqui reproduzimos, impressionado pela embaraçosa situação politica e social do paiz, alvitava sob reservas uma dictadura, mas dictadura *plebiscitaria*, não occultando ainda assim a sua reluctancia por este processo, e accentuando que só poderia talvez acceital-o como recurso extremo e unico; e todavia, Paiva Couceiro não era um republicano.

E a Republica que vem de facto exercer a dictadura sem qualquer especie de attenuação, a dictadura pura e simples, promulgando as

medidas mais graves sem querer pelo menos recorrer — senão á opinião publica — ao parecer officioso de um conselho de technicos, em relação a cada uma das providencias legislativas que se pretendesse levar a effeito. E sobre tudo isto chegam-se a decretar dictatorialmente leis como a do divorcio, que sem a approvação do Parlamento produziriam danos irreparaveis e situações sem remedio, o que quer dizer que muito ostensivamente se conta com o voto do poder legislativo, como quem conta com a passividade de uma cancella.

Estamos em Republica? Porquê?

Proseguem

Os trabalhos do levantamento da planta da villa.

Collegio

O nosso collega *Ovarense* não sabe a que nos referiamos quando lhe fallamos na sua volubilidade... de opiniões.

Vamos dizer-l'ho: estranhamos... que evolucione tão rapidamente de progressista a dissidente, etc., e d'ahi a republicano... da facção mais radical.

Mas... não se zangue; isto não significa senão mera extranheza, da nossa parte.

Agora quanto ao resto da sua resposta, collega, permita que perguntemos qual a razão porque ás Dorotheas chama companhia negra? Por ventura serão as associadas pretas d'Angola? Não atinamos.

Temos ouvido fallar na *mão negra*, sociedade de malfeitores, que por essas europas fóra infestam a sociedade.

Ligará o collega a ideia de crime ao apodo de Companhia Negra, atirado ás filhas de Santa Dorothea? Porque? perguntariamos ainda.

Quaes são os seus crimes? Em que tribunales fóram julgadas e condemnadas as suas acções attentatorias do bem, da justiça e do direito?...

Temos noticia de que para ahí assacam ás associações religiosas as maiores infamias.

Mas as provas veem falhando em toda a linha e por isso não consta que os tribunales as condemnem. Mas vejamos.

Que fizeram as Dorotheas de criminoso em Ovar?... Ellas ensinavam a muitas creancitas os rudimentos das letras, da fé e da moral. Davam de comer e a roupa que podiam ás pobresitas que com fome e as carnes mal cobertas, abordavam a frequentar a sua escola. Os indigentes á hora das refeições tambem ali tinham a sua uma vez por outra. Resavam o officio divino, talvez, e não se retrahiam de mostrar que acreditavam em Deus.

Faziam isto, e, diga: fazer estas coisas é violar direitos, offender a justiça, praticar o mal? Nós estamos convencidos que não, emquanto o collega nos não provar o contrario.

Mas disso não é o collega capaz, por melhor que seja a sua vontade.

Então porque lhes chama companhia negra, isto é, associação de malfeitores?

Pode ser que o nosso illustre contentor nos venha dizer entre outras coisas que não prevemos, a seguinte: chamamos-lhes companhia negra pelo facto de... terem convertido o asylo do Padre Saborino

em collegio — o que consideramos um roubo, um crime.

Nós não sabemos quem fez mudar o Padre Saborino da ideia do asylo.

Se quizessemos entrar no dominio das hypotheses iriamos muito longe. Podia ser que a influencia d'alguem actuassem no seu espirito, mas tambem não é improvavel que o estudo e o exame ponderado do seu projecto o levassem a mudar de proposito e a fundar o collegio em vez do asylo.

Fôsse como fôsse.

Admittindo que fóram os, da seita negra, como diz o collega, os inspiradores do Padre Saborino, diganos: em que está o estupendo crime que autorise a considerar a associação uma companhia de malfeitores?

Não sabemos.

Mas ellas não roubaram. Dos capitães do Padre Saborino todos nós podiamos colher beneficios, se quizessemos. Aquillo não era logradouro d'uma familia, era obra social de que nos não privamos impunemente e que é uma ingratidão e uma indignidade insultar, creia.

Nada existe que autorise tal procedimento do collega, que apenas revela humor de má digestão e um odio desmedido a quem nunca lhe fez mal, nem á nossa terra, a umas pobres mulheres a quem deram ordem de despejo num prazo curtissimo, sem terem talvez familia ou um beiral onde se recolhessem, como se estivessem fóra das leis de humanidade ou fôssem um bando de salteadores que andassem a devastar as riquezas d'este feliz municipio.

Não, collega, não é assim que deve proceder com innocentes victimas. Se as não pôde lastimar, cale-se.

Sobre se o collegio é propriedade do estado ou particular, ha de ficar socegado dentro em breve.

E depois... façam d'elle arroz, que nos não importa isso. O que sobre o destino da casa temos dito, visa nada mais nada menos que a fazer ver a coherencia d'alguma gente. Só isto. Somos mesmo tão modestos que seria loucura pretender mais. E... basta.

Ao despedir-se

O nosso voluvel collega «Ovarense» diz que o nosso jornal se despediu da vida, quer dizer, deixou de existir.

Não acreditamos. O nosso jornal mudou apenas o nome e julgou-se desquite de partidos politicos.

Mais nada. Morrer não morreu.

Deixou apenas o nome que usava quando politico. Hoje não tem esta qualidade, e por esta mesma razão largou o nome que tinha.

De resto está em voga, mercê da nova ordem de cousas, semelhante alteração. Alteram-se os nomes das ruas, os mesmos individuos podam e modificam os seus appellidos... e por este caminhar não tardará muito que o nosso paiz seja conhecido no mundo por nome diverso do actual.

Ora ahí tem.

Nós sabemos ser gente do nosso tempo.

Mas não mudamos de opinião, emquanto não *virmos* que a dos outros é melhor do que a nossa.

Ainda que nos prendam ou nos demittam do emprego.

Somos assim mesmo.

"O Amor e a Natureza,"

por DIAS SIMÕES

E' um livro de theatro, em verso alexandrino de 117 paginas, escripto pelo nosso conterraneo e amigo sr. Antonio Dias Simões, que acaba de ser posto á venda em Ovar, na «Havaneza», dos srs. Ferreiras Calmas e em casa do sr. Francisco de Mattos, da Praça.

Vamos ler este apreciavel trabalho e diremos da nossa justiça no proximo numero.

A impressão é muito perfeita, honrando a arte do glorioso filho de Mayence e devida á acreditada typographia dos srs. Fructuoso da Fonseca & Filho, do Porto.

O *Amor e a Natureza*, delicado melodrama em 4 actos, vai ser levado á scena no theatro d'Ovar, por uma troupe de amadores, no proximo futuro dia 27 do corrente. Agradecemos ao seu auctor o exemplar que nos offereceu.

O Mar

Ainda no principio da semana não permitiu o trabalho das redes.

CAMARA

Resolveu a camara na sua sessão de 31 do passado solicitar a creação duma escola em Passô, de Vallega, visto o sr. José d'Oliveira Lopes offerer o respectivo mobiliario e material necessario.

Leu um officio do sr. Sequeira Vidal, digno snb-inspector escolar deste circulo, que lembrava a necessidade de crear escolas femininas em Maceda e no bairro d'Arruella, e mixto na Marinha da Ribeira e em Passô de Vallega e lamentou não haver fundos para compra do mobiliario e material de ensino e aluguel da casa de escola e residencia do professor, no cofre da camara.

Ratificou o que na sessão de 10 de agosto deliberára a camara cessante sobre a herança que o Padre Francisco Correa Vermelho deixou ao hospital.

Auctorizou o ex.^{mo} presidente a exigir o pagamento de todas as dividas activas em prestações vencidas e a vencer, ainda não pagas. Approvou a postura, obrigando os vendedores ambulantes de generos não destinados á alimentacção a comprar uma licença de dez tostões por mez ou dez mil reis por anno e nomeou a seguinte commissão do recenseamento militar: João Alves, Affonso J. Martins, Ernesto Zagallo de Lima e Nunes Branco, e substitutos; Affonso J. Martins Junior, José Placido Ramos e José Pinto Loureiro.

Resolveu mais, a pedido da officina do caminho de ferro, pedir á Companhia auctorisação para se licenciar o respectivo pessoal no dia 1.^o de maio como feriado, etc.

Julzes de Paz

Em Ovar é o sr. Antonio d'Oliveira Salvador e em Vallega o sr. Manuel Pereira de Mendonça.

Junta

Tomou posse na ultima 2.^a feira a nova junta de parochia d'esta freguezia. Como se sabe, o reverendo parochio não faz parte da commissão, como até agora acontecia. A junta de parochia é extremamente leiga.

27 de Setembro de 1810

(Continuado do n.º 60)

Batalha do Bussaco

Mandei-os sair todos para fóra; elles não quizeram sem lhes encher bem as borrachas: como elles não queriam obedecer, disse a um moço com voz arrengada: vae chamar um senhor official para pôr lá fóra estes soldados.

Tanto que ouviram isto, foram saindo meio tristes: o capitão veiu logo, e fel-os sair em um instante: não falaram mais em vinho. Fechei logo a porta.

Depois d'isto pediram algumas gallinhas; levaram quatro e duas perdizes. Recommendaram-nos muito que dessemos aos feridos pão, vinho e caldo; que os livrassemos dos paizanos, e que fosse lá dormir um.

Foi lá dormir o Ir. leigo e mais um moço duas noites: e não se foi mais vezes, porque os mesmos feridos disseram que bastava que fosse o moço.

Quando os officiaes sahiram ao pateo para marcharem, um soldado disse-lhes que havia alli em um quarto dos moços espingardas e poivora: foi logo um dentro, quebrou seis espingardas, deitou cá fóra uma barrica de polvora, e lançou os cartuchos em uma gamella de agua que ahi estava. Para a tirar debaixo de uma cama foi-lhe preciso largar a clavina que trazia ás costas, a qual lhe esqueceu cá com a pressa de partir: foi em paga das que havia quebrado.

Quando estavam para marchar, ouviram dizer a um moço que o dicto sujeito que andava sem farda era capitão. Apenas ouviram isto, disseram-lhe: é official? ponha a sua espada, e a sua banda. Elle ficou sem côres, não sabia que responder.

Nós dissemos-lhes que elle era capitão sim, mas de ordenança, que não tinha alli nada d'isso, que era de longe. Logo que demos esta desculpa, não instaram mais. Porém disseram-lhe: ha de vir conosco.

Elle fez todas as diligencias para não ir, chegou a dizer-lhes que era primo do meu companheiro, chegando-se ao mesmo tempo para elle, e que não o podia deixar; mas o padre respondeu-lhe: vá, vá, ora faça a vontade a estes senhores.

Ouvindo isto, o fizeram marchar comsigo, e mais o outro, que já tinham prisionado quando chegaram. Pedi-lhes que me dessem o papel que tinham prometido: pediram tinteiro e papel, e deram-m'o escripto do modo seguinte:

Au nom de l'humanité.
Je prie et supplie tous les militaires françois qui viendront au couvent Bussaco de ne rien exiger ni des pères, ni des paysans des villages voisins; 60 blessés françois seroient victimes de la moindre violence. Ces pères se sont obligés à fournir des vivres aux blessés jusqu'au moment de l'évacuation.

Le 1.º d'Octobre 1810
... Off.º au 3.º regt. d'Hussares.

Em portuguez quer dizer:

Em nome da humanidade.
Eu rogo e supplico a todos os militares francezes, que vierem ao convento do Bussaco, de não exigirem nada, nem dos padres, nem dos paizanos das aldeas vizinhas; 60 feridos francezes seriam victimas da menor violencia. Estes padres se obrigaram a dar viveres aos feridos até o momento da evacuação.

1.º de Outubro de 1810.

Pediram-me tambem uma attestação para mostrarem ao general em como ficavamos entregues dos feridos; passei-lh'a na fórmula seguinte.

Fr. José e os mais religiosos do convento do Bussaco certificamos aos srs. officiaes do exercito francez de Portugal, que desde a evacuação da tropa ingleza havemos tractado e continuamos a tractar de 60 feridos francezes que ficaram no campo, dando-lhes pão, vinho e bacalhau por não termos outra cousa. Bussaco, 1 de Outubro de 1810.—F. J. S. S.

Disseram-nos que no dia seguinte vinha outro piquete: despediram-se com a mesma politica portugueza com que entraram, e marcharam pelo mesmo caminho por onde tinham vindo, levando a seu lado e a pé os dois prisioneiros.

Estes francezes a ninguem pediram dinheiro, nem fizeram o menor

insulto, apesar de encontrarem aqui muitos paizanos, armas, polvora e bala.

Dia 2.—Das 8 para as 9 da manhã entrou pela portaria de baixo um piquete de 50 francezes, e foi caminhando para o convento.

Eu estava á porta do pateo, quando elles iam chegando muito mansamente. Fui-me chegando ao primeiro para lhe mostrar o papel que os do dia antecedente me tinham dado: elle, vendo-me metter a mão no bolso, disse: dinheiro, dinheiro. Tirei o papel; elle apenas o viu, não quiz mais dinheiro; mandou-me para os officiaes que vinham no centro d'este piquete, e foi andando para deante.

Os officiaes, tanto que me viram com o papel na mão, chamaram-me para o pé de si. Entreguei-lhes o dicto papel.

Um, depois de lél-o, fallou com os outros, e entregou-m'o dizendo junctamente que não tivesse susto, que estivesse tranquillo e sosegado, que não faziam mal; que vinham tamar a rol os feridos para serem conduzidos ao hospital.

Apearam-se, pozeram guardas ao fundo do pateo, e á porta que do convento sai para o mesmo, e sem entrarem dentro, disseram me que posse mostrar-lhes os feridos.

Foram a pé, conversando comigo, um capitão, um tenente, um alferes e um medico hespanhol.

Depois que os viram, disse-me o medico que mandasse ir agua quente para lavar as feridas dos doentes. Vim mais elle ao convento para este fim. Quando cheguei, o irmão leigo chegou-se a mim muito descorado, e disse-me: os soldados têm feito um grande estrago na igreja, e me rasgaram já o collete com sentido em dinheiro; para que lev va o papel? Foi o caso: em quanto fôram os officiaes ver os feridos, uns poucos, arrombando a porta principal do convento, que tinha ficado sem guardas, pela não terem visto os officiaes, foram á capella do Senhor *Ecce Homo*, quebraram a porta de um sacratio que ahi ha, lançaram no chão o nicho do Menino Jesus, esmigalhando a vidraça que tinha deante; entraram na igreja, quebraram a porta do sacratio, arrombaram a vidraça do nicho do Menino Jesus que está na capella da Senhora do Leite, mas não a quebraram, e roubaram um habito de Christo que elle tinha ao pescoço; cortaram alguns cordeis de armar a igreja, e tendo a sacristia a porta para a igreja não entraram lá, e assim escapou lá um calix com que diziamos missa; foram á cella do prior pela janella, e fizeram em cavacos a arca das tres chaves.

O meu companheiro que ouviu esta tormenta acudiu a ver o que era; encontrou a dois soldados aos encontrões á porta da casa dos frontaes, onde dormiamos. Disse-lhes cá do cimo do dormitorio: que é lá isso, ó camaradas?

Responderam-lhe: vinho, vinho. Disse-lhes então: andem cá que eu lhes dou vinho: vieram logo, e elle, em lugar de levar-os á adega, foi mette -os no meio dos mais que estavam no pateo. Disse a um sargento que alli estava: que os srs. officiaes tinham prometido de não fazerem mal ao convento, e que os soldados andavam estragando tudo.

Desembainhou logo a sua espada, e foi com elle dentro do convento a pol-os fóra: quando iam passando á porta da casa do fogo encontraram ahi dois agarrados ao dito irmão leigo para o saquearem; mas o dito sargento os apartou logo.

Mostrei todo este estrago ao medico, e depois quando chegaram os officiaes disse eu ao capitão: senhor, os soldados entraram no convento, rasgaram o collete a um frade, e têm feito muito estrago, e para o que, eu lh'o vou mostrar; pegando-lhe ao mesmo tempo por um braço, fui mostrar-lhe tudo. Ficaram todos muito tristes.

Sahindo ao pateo sem dizerem nada em quanto andaram a ver, perguntaram se conheciam os soldados? Disse-lhes o meu companheiro que não, mas que alli estava o sr. sargento, que os havia deitado fóra, que bem sabia quem eram.

Chamaram por elle, mandaram-lhe ir buscar os cúmplices do crime: foi em um instante, e trouxe tres soldados deante de si sem barreti-

nas, sem armas, e sem correias, e um trazia já uma face a correr sangue.

Os officiaes, sem lhes dizerem nada, foram mostrar-lhes o que tinham feito á porta do sacratio. Um d'elles, entrando logo a negar, agarrando-lhe o tenente pela golla da farda, bateu-lhe com as costas nos degraus do altar-mór.

Entrando tambem outro a negar, o alferes pegou em uma taboa de castanho, e entrou a dar-lhe tantas e tão grandes pancadas pelas costas, que eu, temendo alli algum sangue, lhe peguei nos braços, e disse-lhe que não desse mais: assim o fez.

O terceiro não disse nada, e assim escapou, mas estava muito bem descorado.

(Continúa).

Leilão

No domingo, dizem-nos, foram vendidos em leilão varios generos alimenticios extrahidos do fechado e arrolado Collegio das Dorotêas, sob o pretexto de que se estavam a deteriorar.

FALLECIMENTO

Falleceu na rua do Bajunco no dia 6 do corrente a sr.ª Margarida de Pinho, mãe dos srs. Manoel Lopes Pinto, Francisco Lopes Pinto e José Lopes Pinto e sogra dos srs. João de Pinho Valente e José Augusto Valente.

Seu funeral realisou-se na tarde do dia seguinte, sendo extraordinariamente concorrido de pessoas de Villa Nova de Gaya e Esmoriz.

Sobre o ataude fôram depostas oito corças de rosas e dous lindos bouquets.

A familia enlutada sentido péssimo.

Costa do Furadouro

Rendimento das companhias no mez de outubro

M. do Nascimento	Importancias	14.864\$560
	Langos	221
S. José	Importancias	20.613\$270
	Langos	243
S. Pedro	Importancias	21.435\$890
	Langos	235
S.ª do Socorro	Importancias	22.932\$960
	Langos	234
B. Esperança	Importancias	23.106\$560
	Langos	250

NOTAS ALEGRES

—O' comadrinha, porque será que os republicanos não querem que o sr. abbade seja da junta de parochia?

—Não sei. Mas talvez seja por ser a republica inimiga dos padres...

—Não digas isso! Olha que te podem prender!...

—Mas eu não sou padre...

—Pois é verdade. Mas em todo o caso... Não vá o diabo tecel-as...

—Mas então não te parece que será por isso?

—Não, filha! E' mas é por ter corça.

—Ahi!...

—Pois é. Não vês que elles até da bandeira portugueza vão tirar a que lá está... pintada, visto a bandeira ser agora republicana?

—Vejo...

—Pela mesma razão a junta de parochia, republicana, não quer... a corça.

SCENA DO BAIXO IMPERIO

(Uma historia de gafanhotos)

Havia antigamente um rei, um bom rei, que amava muito o seu povo.

Dava esmolas aos infelizes que encontrava esfarrapados pela ruas da cidade, abençoava as creancinhas, que o rodeavam por toda a parte, conquistando assim um altar em cada coração dos seus subditos.

Ora aconteceu que os dias da vida do regio personagem começaram a correr, a correr muito para a morte e o bom velho com os olhos p stos na eternidade determinou-se a fazer o seu testamento.

Como tinha bom coração, o velhinho não se esqueceu do seu povo e mandou fazer um hospital para recolher as creanças desvalidas, os orphãos abandonados e as creancinhas desprotegidas.

Morto o rei, apresentaram-se umas santas mulheres, viúvas de todas as vaidades do mundo, amando os pobres, sacrificando-se pelo proximo. Eram ricas e fizeram-se pobres, eram nobres e ficaram plebeias, eram altivas e cobriram-se com os pannos pretos da humildade; eram livres como as aves do ceo e como as filhas dos ricos da terra e fizeram-se obedientes como as flores rasteiras do valle; nasceram no meio dos sophás de seda e envolta na atmosphaera lubrica do mundo e tornaram-se castas como as sacerdotizas que vigiavam o fogo sagrado no templo de Vesta.

Estas mulheres interpretaram, tanto como puderam e souberam, o plano do rei defuncto, dando ás creancinhas d'aquelle reino, educação, alegria, carinho e pão.

As creanças gostavam muito d'aquellas santas e pobres mulheres onde iam buscar o alimento sadio para o corpo, disciplina e saber para o espirito.

Toda a gente d'aquelle reino se acostumou a olhar para essas sacerdotizas com carinho, com bondade e reconhecimento.

Um dia apareceram ao portão da quinta muitos homens armados, de cantadura má e vinham de longes terras allumiados pela estrella má do destino que obriga ao crime, sedentos do roubo, da morte, e da licença desenfreada.

Lá dentro ouvia-se o chilrear das creancinhas que saltavam pela cerca, que comiam o seu pãozinho sentadas nos cômodos da quinta.

Vieram abrir a porta.

O barulho infantil quedou-se, o pão cahiu das mãosinhas das creanças, o medo invadiu toda a casa.

—Em nome da justiça, em nome da liberdade, em nome da fraternidade, em nome da egualdade, em nome de tudo o que pode incitar o homem a reconhecer o direito dos outros homens, saia tudo d'esta casa!

Ao ouvirem isto as creancinhas fugiram. As pobres mulheres tremaram e começaram a chorar; sahiram da sua casa e foram-se por esse mundo alem, á procura d'um asylo em casa de cada conhecido, porque tinham perdido o direito a um logar na casa de seus paes, e ellas já não tinham familia n'este mundo.

A casa ficou só, abandonada, sem o chilrear das creanças e sem o perpassar monotonico e compassado das filhas do Senhor.

Os malfeteiros entraram para o salão; sentaram-se e repartiram os despojos.

Abrirem as arcas, investiram as cozinhas, internaram-se nas adegas. Puzeram tudo em cima da meza, comeram e beberam e dormiram e fizeram... tudo o que n'aquelles tempos de depravação moral entrava como parte integrante nos sentimentos daquella epocha do imperio romano.

Era... meia duzia de gafanhotos malfeteiros que invadira a sementeira que tantos trabalhos, suores, sacrificios e canceiras custára ao lavrador.

Ainda hoje, ao estudarmos com desassombro aquellas epochas, de que milhares de seculos nos afastam, ficamos petrificados e... envergonhados.

No entanto, no meio d'aquellas scenas pantagruelicas, á luz baça

dos candelabros, mesmo á hora da ceia fóra d'horas, um dedo invisivel repetira as palavras fataes que interromp-ram o festim de Baltazar: mane, thecel phares.

Não era o dedo de Deus, do Destino ou do Supremo Architecto.

Era o dedo do povo d'aquelle reino que amaldiçoava e amaldiçoará para sempre a invasão dos gafanhotos.

BOLETTIN ELEGANTE

Foi pedida em casamento pelo sr. José Laranjeira a ex.ª sr.ª D. Aurora Lamy.

—Fez hontem um anno a galante Rosa da Conceição, estremeçada filha do sr. Manoel Maria de Pinho Leite.

—No mesmo dia passou o anniversario da menina Maria Ferreira Soares Gomes, filha do sr. João Bernardino d'O. Gomes.

—Hoje passa o da sr.ª Clara Duarte.

—Partiu na quinta-feira para Loanda, Africa, o sr. Bento Duarte.

—Passou no dia 5 do corrente o anniversario do nosso estimado amigo David Rodrigues da Silva, ausente no Pará. D'aqui o cumprimentamos com um estreito abraço.

—Hoje passa tambem o do sr. José Tavares Antonio Lopes.

—No dia 15 faz annos o menino Manoel Maria da Silva Neves e no dia 16 seu pae e nosso bom amigo sr. Antonio da Silva Neves.

—Tem passado mal de saude a ex.ª sr.ª D. Rita d'Oliveira Santos, virtuosa esposa do sr. Antonio Guterres d'Oliveira Santos.

—Regressou do Furadouro o sr. Manoel Pereira de Mendonça.

Agradecimento

A familia da fallecida Libania Pereira, da rua do Bajunco d'esta villa, agradece profundamente reconhecida a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-a por occasião do fallecimento da sua sempre saudosa e inolvidavel Libania.

Ovar, 3 de Novembro de 1910.

Libania Rosa de Jesus Castro
José de Pinho
Maria Pereira da Silva
Joanna da Silva
Antonio de Pinho
Manuel de Pinho.

«La Revue de Portugal»

Como fóra annunciado e com o titulo que nos serve de epigraphe, sahio hontem o primeiro numero d'uma revista escripta em francez. Abre com um esplendido retrato do Dr. Theophilo Braga. No seu programma, dedicado e votado ao engrandecimento da patria, quer a referida revista valorisar o nosso paiz perante o estrangeiro, afim de chamar aqui excursionistas de todo o mundo e pôr em comunicação de interesses commerciaes, industriaes e financeiros todas as nações estrangeiras com Portugal.

O presente numero é muito variado, seu texto interessante: traz magnificas gravuras dos ultimos acontecimentos. A capa, que é artistica, tem as côres nacionaes. Ha uma allegoria em que as figuras dos Drs. Theophilo Braga, Affonso Costa, Bernardino Machado e Antonio José d'Almeida, são perfeitissimas.

A revista que é em grande formato e impressa em papel couché, pôde considerar-se a par d'uma das melhores que se publicam nas grandes capitaes. Um exemplar vai ser enviado gratuitamente e a titulo de propaganda para demonstrar o successo de Portugal e seu progresso, a todos os grandes diarios do estrangeiro, assim como as embaixadas, legações, consulados, grandes clubs, grandes hotéis, grandes cafés, etc., etc.

A séde de *La Revue de Portugal*, é no Porto, rua de S. Lazaro, 295. As nossas saudações.

Assignatura: 37600 réis por anno.

CONTOS DA SEMANA

PAZ AOS MORTOS!

(TRADIÇÃO)

Orae pelos defuntos; que não é a misericórdia de Deus mais dura que as entranhas da terra...

I

Sombrio como um pensamento mau, forte como um atleta, levantava-se nas bordas do mar o castello de Valdecoz. Assentado na corôa d'um penhasco, estribava os alicerces na rocha viva. A enorme rampa levadiça que reforçava a porta, olhava para o mar, e a torre da menagem elevava-se orgulhosamente para o ceo, rematando em uma grande aguia que arrostava o firmamento e apertava entre as garras um braço quebrado. Dir-se-hia que aquelle gigante de granito se alçava na sua soberba, dizendo ao mar: *Desprezo-te;—ao rochedo: Domino-te;—e ao ceo com forcejo impotente; Não te alcanço!*

Ninguém o habitava: fechado estava como uma tumba e reinava ali um silencio ainda mais lugubre que o da solidão: parecia o silencio da morte. Partido o braço soberbo que na torre da menagem a aguia segurava nas garras, parecia que ella, despregadas suas azas de pedra, queria fugir d'alli, granando aterrada: —O que eu vil...

A hera, fiel amiga das ruínas, corôara uma lapida corroida pela edade e pelos temporaes, na qual por baixo d'uma estreita seteira se lia:

Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat.

Ao lêr aquella inscripção, que como unico nome e unica historia se descobria junto a um escudo partido, dir-se-hia que a ira de Deus viera substituir a vaidade humana, no domingo do castello de Valdecoz. O seu ultimo dono, chamado o *Mau*, desapareceu caçando n'um bosque que formava o limite do seu senhorio: tres mezes antes, seu filho unico, Ferrante, chamado o *Bom*, tinha desaparecido tambem, ignorando-se o seu paradeiro.

O tempo, grande descobridor de mysterios, conservou, sem embargo, uma tradição do castello de Valdecoz, que vindo de paes a filhos, chega até nós, ennobrecida com o pó dos seculos, e baptizada com mais d'uma lagrima de ternura: tradição que reconhece por origem a sincera fé dos nossos antepassados, ou talvez algum d'esses prodigios de que se serve Deus para despertar o arrependimento no coração do malvado e manter a confiança no coração do justo.

Bem comprehendemos que estas tradições, sempre singellas e poeticas, a par de profundamente religiosas não encontram hoje o ecco santo que merecem. A *despreoccupação* é a primeira preocupação d'este seculo, que se apruma sobre o scepticismo, crêndo subir ao pedestal da mais alta superioridade intellectual, e consegue apenas enecrar-se no mesquinho circulo de ideias triviaes que alcança e comprehende. Mas nem por isso deixaremos nós de recolher estas tradições, como santas reliquias da fé de nossos maiores para se venerarem, nem deixaremos tampouco de narral-as, como formosos exemplos para se imitarem.

II

Uma manhã de Outubro, voltava o Castellão de Valdecoz, á frente dos seus homens d'armas, de saquear um territorio visinho com cujo senhor mantinha velhos odios. Captivo este de seu inimigo, esperava, com essa altivez d'aspirito que na adversidade é mãe do heroísmo, ser dependurado da aguia que, qual imagem da soberba, corôava o Castello de Valdecoz.

Em vão o caridoso Ferrante pediu a seu pae o perdão do prisioneiro, recordando-lhe que o verdadeiro valor se corôa com a clemencia para com o vencido, como o merecimento se corôa com a modestia. Para vencedores, como o Castellão de Valdecoz, não ha mais lei que a de Brenno—*Vae victis!* (Ai dos vencidos!)—e desattendi-

dos por isso os rogos da compaixão, foi cumprida a barbara sentença. Pendente o cadaver lá da aguia, que parecia cevar seu curvo bico n'aquelle horrivel despojo da morte, havia de permanecer ali até ser pasto dos abutres.

Ferrante retirou-se horrorizado, e ao mesmo tempo, sobre as blasphemias do pae, subiam ao ceo as orações do filho. A' meia noite, o piedoso donzel sahiu cautelosamente da sua estancia; com o maior segredo subiu á torre da menagem, e, carregando aos hombros o cadaver do desgraçado cavalleiro, deu-lhe sepultura na praia, ao pé d'um rochedo aonde não chegavam as marés.

E' impossivel descrever a colera de Castellão, ao dar pela falta do cadaver. Todos os do castello tremaram por amor de Ferrante o Bom: mas elle, tranquillo como a boa consciencia, sereno como quem cumpre o dever, apresentou-se a seu pae, confessando-se auctor d'aquella obra que era para o Castellão um delicto. N'este o assombro adormeceu a colera por um momento.

—Desgraçado!—exclamou—que razão tiveste para desobedecer ás minhas ordens?

—Dar paz aos mortos, já que vós daes morte aos vivos—respondeu Ferrante com a mansidão do respeito que contém, e com a firmeza da convicção que não se dobra.

—Paz aos mortos!—rugiu o Castellão, cheio de raiva e desprezo.—Em lugar de arnez e de cervilheira, um capuz de beguino é que tu mereces!... Porém não lograrás o teu intento... por minhas barbas t'o juro!... Tu mesmo has de restituir o cadaver d'esse traidor ao sitio que occupava!...

Ferrante recusou resolutamente cumprir a ordem impia de seu pae, porque sabia que a auctoridade paterna tem um limite que termina onde acaba o que é bom e justo. Como o calabre que, flexivel mas forte, resiste ao embate das ondas, assim elle resistiu submisso, porém firme, ás ameaças do Castellão.

Então aquelle pae desalmado, em cujo coração o crime afogava a voz da natureza, pôz Ferrante fóra do castello; e o caritativo donzel abandonou os dominios dos seus antepassados, só, desvalido, levando na sua escarcella, como unico thesouro, uma flôr que cortára na sepultura de sua mãe.

Mas embalde tratou o Castellão, depois da partida de Ferrante, de distrahir na guerra e na caça a negra melancolia que lhe ficou então devorando a alma. A primeira dôr com que o remorso fere a consciencia do criminoso, é a importancia de desfazer o seu crime. Certa manhã o Castellão, mais triste e taciturno que de costume, sahiu a caçar n'uma espessa tapada que entestava na extrema do feudo; e em vão seus monteiros e homens d'armas o esperavam um e outro dia, que o Castellão de Valdecoz não voltou.

D'ahi a pouco dizia-se pelos arredores que no silencio da noite sahia d'aquelle bosque uma voz triste, tão triste, que bradava:—*Paz aos mortos!... Paz aos mortos!...*

(29) FOLHETIM

JULIO DINIZ

AS PUPILLAS

SENHOR REITOR

Chronica d'aldeia

—Compensem ao menos com esta boa acção o pensamento diabolico, que vos juntou aqui. E agora ide para vossas casas e para o trabalho. Lembrae-vos que mal vae á familia e á fazenda do que se esquece na taverna assim; e retenhae-vos essa lembrança, se ainda não tendes endurecido de todo o coração. O que entra rico nestas casas, sae a pedir; se entrar pobre, sae criminoso. Ide. Fugi ás tentações d'estes inimigos—isto dizia tomando as cartas da meza—e fazei como eu quando as tiverdes á mão.—E, com um rapido movimento do braço fez voar todo o baralho até ao

Os annos, cuja rapidez aterra quando se contam passados, mas que parecem, quando se antevêm no porvir, uma immensa cadeia de dias na qual o ultimo élo se vae perder na eternidade. mudaram o aspecto do feudo de Valdecoz: os meninos fizeram-se homens, os homens fizeram-se velhos, os velhos fizeram-se... pó!

Já não resoavam no castello os desgarrados cantos dos homens d'armas, nem a buzina do vigia da menagem annunciava o dia, o meio dia e o crepusculo: solitario, coberto das hervas que o tempo e o abandono deixam nascer nos edificios, como as penas e os annos fazem nascer as cãs na cabeça do homem, parecia opprimido mais pelo pezo d'uma maldição do que pelo estrago dos seculos. Na sua solidão, o desabando velho, caduco e sombrio, e renegando da sua fortaleza, pedia, qual Judeu errante, a morte por unica mercê. Só aquella voz triste, tristissima, continuava á meia noite a resoar na tapada, com a ancia de quem pede, com a tristeza de quem pranteia, com a angustia d'uma lamentação:

—*Paz aos mortos!... Paz aos mortos!...*

Ferrante o Bom voltou ao solar de seu pae depois de ter combatido os arabes e mouros como simples soldado, durante vinte annos que duro o seu desterro. Ao passar pelo bosque era meia noite, mais triste que nunca lhe chegou aos ouvidos o mysterioso lamento. Ferrante sentiu-se tomado d'esse terror mysterioso que o sobrenatural infunde sempre ainda nos animos mais esforçados; mas encomendou-se á Virgem Maria, e entrou denodadamente na espessura.

Abria-se no meio do bosque um grande roleiro arido e triste, que contrastava com a verdura das arvores, as quaes, de horrorizadas, não ousavam transpôr aquella estranha circumferencia: no centro viu Ferrante ao luar avultar um cadaver informe, sujo e meio pôdre. Caso raro! aquelle cadaver tinha os olhos abertos, como se a morte olhasse e pedisse alguma coisa a vida. Ferrante approxima-se possuido de religioso terror, e dá um grito espantoso ao reconhecer a seu pae n'aquella massa inerte.

Passados os primeiros transportes de assombro e de dôr, Ferrante tentou abrir com a sua acha d'armas uma cova para sepultar o cadaver do pae: mas a terra, dura, como o fóra o coração do Castellão, sêcca, como o foram seus olhos, repulsiva, como foi sua mão para a desgraça, rechaçou o ferro como se fóra duro marmore, negando-se a dar sepultura ao Castellão de Valdecoz. Ferrante viu a mão de Deus que alli castigava o impio.

Porém aquelle impio era seu pae; e o bom filho orou, supplicou, humilhou a fronte sobre aquelle chão, instrumento da justiça divina; e as lagrimas, que tudo apagam, que tu o alcançam, correram-lhe abundantes dos olhos, vindo humedecer e abrandar as entranhas da terra. Ferrante viu então que ella se abria lentamente de per si, deixando ap-

fogo, que em pouco tempo o reduziu a cinzas.

E pondo outra vez o chapéu na cabeça, saiu da sala.

Após elle, foram saindo tambem os joviaes consocios da taverna, que não se sentiam com alma de continuar alli.

Para alguns tinha de ser aquella a ultima tentação.

O que menos contrito se mostrou foi o dono do estabelecimnto, que deu ao diabo a intervenção do parcho na pacifica diversão de meia duzia de freguezes honestos e tementes a Deus. No entretanto o reitor ia proseguindo a sua visita e distribuindo pelos necessitados o dinheiro dos ociosos. Sorria de satisfação o velho, ao fazel-o.

—As grandes ventanias—monologava elle—são tambem um mal para o lavrador, porque lhe derrubam as searas, mas... como se não podem evitar... que se faz? levantam-se nos montes as azas de uns moinhos, e ellas ahi estão aproveitadas. Aproveitemos pois tambem da loucura má d'estes perdularios,

GRANDES ARMAZENS DA ESTAMPARIA DO BOLHÃO

Os maiores, os mais antigos, os que iniciaram o systema de preço fixo, os que mais sortimento temem e os que mais barato vendem.

Sortimento completo de todos os artigos proprios para vestuario de senhora, homem e creança, uso de casa, perfumarias, brinquedos, moveis, automoveis, etc., etc.

Quem visitar a cidade do Porto, não deve deixar de vêr os nossos GRANDES ARMAZENS que occupam uma área de 3.000 metros quadrados, n'um só pavimento

328, Rua de Fernandes Thomaz, 348—Porto

GRANDE HOTEL E CASINO DE ESPINHO

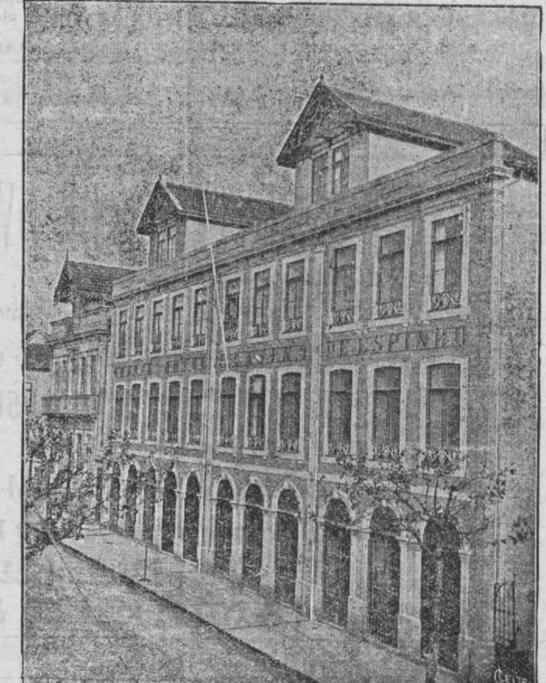
O unico hotel que nas prafas de Portugal tem cozinha especial para o regimen dietetico Gereziano

PARA TODAS AS INDICAÇÕES

No Gerez, Hotel Ribeiro

No Porto, Hotel Bragança

Entre - Paredes e Bazar do Porto, Santa Catharina, 16



Hotel de primeira ordem

Situado no melhor local Aberto desde 1 de junho

TUDO O CONFORTO MODERNO

Correspondencia a RIBEIRO & IRMÃO—Telephone, 5

Endereço telegraphico, GRANDOTEL—ESPINHO

parecer uma cova com que o piedoso filho depositou o cadaver do pae... E os habitantes de Valdecoz nunca mais tornaram a ouvir aquelle grito que pedia: *Paz aos mortos!*

Agradecimento

A familia da fallecida Anna Marques Fidalgo, agradece muito reconhecida a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-a pela occasião do seu passamento, bem como ás que honraram o enterro com a sua presença.

Ovar, 2—11—910.

já que ainda não pude acabar com ella de todo. Se a agua é muita nas prêsas, não se deixa extravarar á tôa, abre-se um regueiro, que a leve onde ella seja precisa. O Santo Deus! e então que ha por ahi terras tão sequinhas de agua! Doer-me-hia a consciencia se tivesse enchido assim a bolsa com as esmolos dos laboriosos e poupados; mas com as d'estes... ora!... folgo e orgulho-me.

XIII

Ao chegar a um largo todo planado de sovereiros, quasi seculares, que havia no centro da aldeia, ainda o bom do parcho levava as algi-beiras bem fornecidas.

A tarde aproximava-se do fim; estendiam-se já as sombras muito para o oriente, e coloriam-se de vermelho afogueado as vidraças voltadas ao occaso.

O reitor encaminhou-se para uma das casas de mais miseravel apparencia que havia n'aquelle lugar.

Republica?

E' do nosso presadissimo collega «Correio da Manhã» o artigo de fundo que hoje publicamos com a devida venia.

«A Nova Patria»

O numero unico *A Nova Patria* commemorativo da proclamação da Republica em homenagem aos heroes da revolução, sahirá no dia 15 de novembro de 1910. Contem 50 paginas, grande formato, papel couché, impressão de luxo, collaboraçã sensacional, numerosas illustrações. O producto liquido reverte em favor das familias das victimas da revolução.

—Terminemos por este—dizia o velho comsigo.

Empurrou adiante de si a porta d'esta casa, e ia a entrar, quando deu de rosto com Margarida, que saía.

Os olhos vermelhos da sua pupilla, a expressão de dôr que trazia no semblante, chamaram a attenção do reitor.

—Que tens, Margarida?—perguntou elle com solicitude—Esses olhos são de quem chorou.

—E' que despedaça o coração ouvil-o.

—Então está mais doente?

—Está muito mal.

—E aonde ias tu?

—A casa. O boticario quer o dinheiro dos remedios...

—Que não vá arruinar-se o homem. Deixa que tem de me ouvir. E' peor que o peor dos seus causticos. Porém não tem dúvida, que eu venho bem provido. Entra, mas antes alegra-me esse rosto. Vamos.

(Continua)

HISTOGENO

Unico medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitales da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da TUBERCULOSE, Dia-

betes, Anemia, Neurasthenia e doencas consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á

TUBERCULOSE
O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis.

LLOPIS

Preaver contra os productos similares que na pratica tem d e mostrado se alteram, produzindo effectos contrarios e prejudiciaes á saude.

Peça-se sempre o **Histogeno Llopis** Unico que cura Unico inalteravel

Para a cura da **DIABETES** preparamos o *histogeno anti-diabetico*, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos a tratamento do *Histogeno anti-diabetico*.

Formas do **Histogeno Llopis** **Histogeno liquido.** — **Histogeno granulado.** **Histogeno anti-diabetico.**

Preço do **Histogeno Llopis** **FRASCO GRANDE, 1\$100** reís. — **FRASCO PEQUENO, offerta GRATIS** aos pobres do Rego.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representantes geraes em Portugal: em Lisboa, C. Mahona & Amaral, Limitada, rua d'El-Rei, 73-2.º — No Porto: Antonio Cerqueira da Motta & C.ª, rua de Mousinho dy Silveira, 115.

ARMAZENS da CAPELLA

A primeira casa das Carmelitas n.º 70
PORTO

Grande sortimento de casimiras para fatos, Tecidos de lã algodão, linho e seda para vestidos, tapetes, malhas, confecções para senhoras, modas, pannos crus, mortins etc., etc.

Vendas a preços baratissimos

FABRICA DE TELHA DE OVAR

Os preços da telha d'esta fabrica, actualmente, tanto na fabrica como no caes da Ribeira, ou em wagon na estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª, 21\$000; 2.ª, 17\$000; 3.ª, 13\$500 REÍ\$

Isto sem desconto algum

FABRICA: **LARGO do MARTYR**

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

Proprietarios: **PEIXOTO, RIBEIRO & C.ª**

ESPINGARDAS DE CAÇA E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, formando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a **CASA LINO**, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta casa vende.

Chegou tambem o sortimento de cartuchos de caça e para tiro aos pombos. Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparklets»
Vibrador «Varno»
Sorvetelras, etc., etc.

CASA LINO

40, Praça de D. Pedro, 41
PORTO

PAPEIS PARA FORRAR CASAS

Das principaes fabricas estrangeiras acaba de receber um variado e importante sortido do deposito da Fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

178, R. de Santo Antonio. 180-PORTO

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

AZULEJOS

FABRICA DE LOUÇA DAS DEVEZAS

DE **José Ferreira Valente, Filhos**

RUA D. LEONOR, 114 A 184

Villa Nova de Gaya — Devezas

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo. Fabrico especial em azulejo fino a rivalisar com o melhor estrangeiro.

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo lugar. Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos

Endereço telegraphico: AZULEJOS — Telephone, 279

Estabelecimento de Mercearia e Deposito de Garrações

DE MARQUES & ARAUJO LIMITADA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua de S. João, 41 e 45 — Porto

Telephone, 616

AGUA DO BARREIRO

Na Serra do Caramulo
(BEIRA-ALTA)

Contra a ANEMIA e outras doencas provenientes da mesma. Contra as DOENCAS DO ESTOMAGO E INTESTINOS. Contra as PERTURBAÇÕES MENSTRUAES. A mais barata de todas as AGUAS MEDICINAES. — Uma garrafa para 4 dias.

Deposito em Ovar — **Viuva Cerveira**

José Bernardo Carlos das Neves

224, Rua das Flores, 226 (Esquina do Souto) - PORTO
(CASA FUNDADA EM 1776)

Especialidade em **CHA' e CAFE'** de todas as qualidades e todos os preços. **ASSUCAR** de todas as qualidades, **CHOCOLATE** nacional e estrangeiro.

KROQUETTES de chocolate em caixinhas de phantasia. **MASSAS** alimenticias. **CONSERVAS** e muitos outros generos e artigos por preços rasoaveis.

CAFE' de **FAMILIA** especialidade d'esta casa 500 rs. o kilo

IMPORTAÇÃO DIRECTA
PUREZA das QUALIDADES

TYPOGRAPHIA

JOSÉ F. DA FONSECA & FILHO

72 — Rua da Picaria, 74 — PORTO

N'esta typographia, que acaba d'obter um consideravel melhoramento no seu machinismo e uma grande quantidade de phantasias, executam-se com esmero todos os trabalhos typographicos.

Preços modicos e brevidade nos trabalhos.

Especialidade em bilhetes de visita e em trabalhos de phantasia

Uma visita á **PHOTOGRAPHIA CARVALHO**
R. do Passeio Alegre, 27 29
ESPINHO

TODOS os trabalhos photographicos. Retratos em porcelana. Retratos coloridos a oleo, aguarilla e pastel. Retratos em esmalte, semi esmalte e marfim. Ministuras a oleo para medallhas, o que ha de mais moderno e artistico. Efectos de luz, novidade, etc., etc. Officina de mechanica, de cartongem e photographia moderna. Ampliações e reproduções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados

Preços sem competencia

Forma de se ganhar com especialidade a singular

Indulgencia da Porciuncula

Concedida por Christo Senhor Nosso

E intercessão da Virgem Maria Sua Santissima Mãe ao serafico Patriarcha S. Francisco; e forma da visita para bem espiritual das almas com uma antífona e oração contra a peste
Preço, 50 reís. — Vende-se na typ. Fonseca e Filho, rua da Picaria, 74.

ALBERTO MILHEIRO

Cirurgião dentista

Prothese e operações dentarias

PASSEIO ALEGRE, 10-1.º
(Em frente ao coreto da Graciosa)
ESPINHO

MOREIRA, GUIMARÃES & C.ª

37, Praça de Carlos Alberto, 38-A — Porto

Exposição de todas as novidades recebidas directamente de Paris, Londres, Berlim e Vienna

Especialidade em tecidos para campo e praia
ATELIER DE MODISTA

Enviem-se amostras na volta do correio

FOSFODOGLICINA De Lemos & Filhos

Maravilhoso medicamento para a cura das escrophulas, rachitismo, anemia, neurasthenia, etc. Ensaiado com grande exito em quasi todos os hospitaes do paiz, recommendado por centenas e attestados medicos de professores, especialistas, etc. Pelo aspecto, pelodsabor, e pelos magnificos resultados que produz, é superior ao oleo de fígado de bacalhau, e seus derivados.

Milhares de curas. Especifico para as creanças fracas

DEPOSITOS GERAES

Porto — Pharmacia Lemos & Filhos. Praça de Carlos Alberto, 31.
Lisboa — Drogaria Pimentel & Quintans. Rua da Prata, 194

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do reino
Preço conforme a quantidade

REGENERADOR LIBERAL OVAR

ILL.º: SNR.